

# O LUGAR DOS POETAS NEGROS LUIS GAMA, CRUZ E SOUZA, LINO GUEDES E SOLANO TRINDADE NAS PÁGINAS DA HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA: UM OLHAR POR TRÊS HISTÓRIAS DA POESIA BRASILEIRA

## THE PLACE OF THE BLACK POETS LUIS GAMA, CRUZ E SOUZA, LINO GUEDES AND SOLANO TRINDADE IN THE PAGES OF THE HISTORY OF BRAZILIAN LITERATURE: A LOOK AT THREE HISTORY OF BRAZILIAN POETRY

**Dênis Moura de Quadros\***

FURG

**Antônio Carlos Mousquer\*\***

FURG

**Resumo:** Ao falarmos de poetas negros brasileiros conseguimos recordar de alguns nomes como Luís Gama (1830-1882), Cruz e Sousa (1861-1898), Lino Guedes (1897-1951) e Solano Trindade (1908-1974), escritores negros que resistiram aos preconceitos da sociedade em que estavam inseridos. Escolhemos esses nomes a partir da lista elencada por Zilá Bernd em *Poesia negra brasileira: antologia* (1992). Pensando nesse apagamento, procuramos esses quatro poetas negros nas histórias da poesia brasileira: *Apresentação da poesia brasileira* (1965), de Manuel Bandeira, *Do barroco ao modernismo* (1979), de Péricles Eugênio da Silva Ramos, e *Uma história da poesia brasileira* (2007), de Alexei Bueno. Dos quatro poetas Luís Gama aparece diluído, o que garante pouco espaço e deslegitimação de seu discurso, já Cruz e Sousa é o único poeta que aparece nas três histórias analisadas, enfatizando seu desejo de embranquecimento, enquanto que Lino Guedes e Solano Trindade, poetas que escrevem poesias de resistência, não são nem citados.

**Palavras-chave:** História da poesia brasileira. Poetas negros. Ausência.

**Abstract:** When we speak of Brazilian black poets, we can remember some names such as Luís Gama (1830-1882), Cruz e Sousa (1861-1898), Lino Guedes (1897-1951) and Solano Trindade (1908-1974), black writers who resisted prejudices of

\* Doutorando em Letras - área de concentração História da Literatura- pela Universidade Federal do Rio Grande- FURG, Mestre em Letras, área de concentração História da Literatura (FURG), bolsista CAPES. E-mail: denis-dp10@hotmail.com

\*\* Possui Mestrado em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1993), Doutorado em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2004) e Pós doutorado pela Université Sorbonne Nouvelle Paris 3 (bolsa CAPES - Estágio Sênior- Sup. Prof. Dr. Michel Collot). Atualmente é Professor Associado da Universidade Federal do Rio Grande. E-mail: acmousquer@yahoo.com

the society in which they were inserted. We chose these names from Zilá Bernd's list in *Poesia negra brasileira: antologia* (1992). Thinking about this erasure, we look for these four black poets in the history of Brazilian poetry: *Apresentação da poesia brasileira* (1965), by Manuel Bandeira, *Do barroco ao modernismo* (1979), by Péricles Eugênio da Silva Ramos, and *Uma história da poesia brasileira* (2007), by Alexei Good. Of the four poets Luís Gama appears diluted, which guarantees little space and delegitimization of his speech, since Cruz and Sousa is the only poet that appears in the three history analyzed, emphasizing his desire of whitening, whereas Lino Guedes and Solano Trindade, poets who they write poetry of resistance, they are not even mentioned.

**Keywords:** History of Brazilian poetry. Black poets. Absence.

O presente trabalho busca refletir acerca das escolhas feitas pelos autores ao produzirem uma história da literatura, elencando um cânone que, tipicamente, dialoga e obedece ao cânone estabelecido da literatura brasileira. Essas escolhas, quase sempre, ficam expressas pelo prefácio ou, no “a quem ler” presente nas primeiras histórias da poesia portuguesa e brasileira<sup>1</sup>. Contudo, mesmo naquelas histórias que não possuem um prefácio, como é o caso da *Apresentação da poesia brasileira* (1965), de Manuel Bandeira (1886-1968), e *Do barroco ao modernismo* (1979), de Péricles Eugênio da Silva Ramos (1919-1992), é possível identificar as escolhas do autor ao relacionar sua lista de autoras com importância dada a determinados autores ou seu apagamento.

Percebendo, então, os critérios de escolha que compõem o cânone literário das três histórias da poesia aqui analisadas, o segundo passo do nosso trabalho é compreender como essas escolhas concordam, ou não, com um cânone “cristalizado” e engessado que não permite a entrada de outros (as) autores (as). Além disso, as histórias da literatura, segundo David Perkins (1999), desenvolvem-se como narrativas e, dentro dessas, é contada uma história com determinados personagens que recebem mais atenção em detrimento de outros cuja referência é reduzida. Ou seja, são escolhidos alguns “heróis” que compõem essa história e, como veremos, a questão racial pesa na escolha e apagamento desses autores basilares para a literatura brasileira.

Os poetas negros da literatura brasileira não são, em sua maioria, conhecidos ou estudados nem mesmo, por exemplo, na disciplina de literatura no ensino médio. Eles também não compõem o cânone consagrado e, quando aparecem, são descritos sucintamente com nome e obra ao lado. Das raras exceções de autores negros que entram nas histórias da literatura, Cruz e Sousa (1861-1898), que inaugura o simbolismo na literatura brasileira, é o ilustre autor negro, contudo há uma ênfase nos poemas em que o Cisne Negro nega sua negritude e exalta a cor do colonizador. Outros autores de importância ímpar, como Luís Gama (1830-1882), Lino Guedes (1897-1951)

<sup>1</sup> No caso da literatura portuguesa, o prefácio intitulado “A quem ler” no *Bosquejo da história da poesia e língua portuguesa*, escrito por João Batista da Silva Leitão Almeida Garret (1799-1854), em 1827, e posteriormente o *Bosquejo da história da poesia brasileira*, escrito por Joaquim Norberto de Souza e Silva (1820-1891), em 1840.

e Solano Trindade (1908-1974), poetas que, além de serem negros, tematizaram sobre a cor e a raça, pouco aparecem e quando descritos não passam de sucintas linhas diluídas em citações de outros autores brancos.

Pensando nessa disparidade de presença negra nas histórias da literatura brasileira, analisaremos três histórias da poesia brasileira: *Apresentação da poesia brasileira* (1965), *Do barroco ao modernismo* (1979), *Uma história da poesia brasileira* (2007), buscando a presença desses poetas presentes na *Poesia negra brasileira: antologia* (1992) de Zilá Bernd.

## **Considerações e critérios de escolha: elencando heróis**

Ao começar a escrever uma história da literatura fazem-se necessário fazer determinados recortes. Um primeiro recorte feito passa pelo critério temporal: o autor deve escolher um começo e um fim para sua história. Um segundo recorte, para aprofundar e restringir seus estudos, é o critério de gênero (prosa ou poesia), após ambos os recortes a escolha por determinados autores a serem citados é feita com a influência de estudos anteriores e de um cânone já cristalizado, por ora, em que determinados autores deverão aparecer por sua importância para a literatura brasileira.

O cânone é, na esteira do pensamento de Harold Bloom (1995), uma lista de obras que merecem nossa leitura e que são, na concepção de Ítalo Calvino (1993), clássicos. “Possuímos o Cânone porque somos mortais e, também, meio retardatários. Só temos um determinado tempo, e esse tempo deve ter um fim, enquanto há mais para ler do que jamais houve antes” (BLOOM, 1995, p. 37). Diante do objetivo da criação das listas, percebemos que qualquer apagamento de autores ou, como ocorre, grupos étnicos inteiros do cânone não podem partir de questões puramente estéticas.

Perkins (1999) afirma que toda história literária é uma narração e, como narração, traz um enredo com personagens. Esses heróis das narrativas das histórias literárias variam de acordo com o enfoque, em que podem ser um determinado gênero ou a escolha de determinados autores que representam o apogeu dos períodos literários que representam. Portanto, ao nos propormos a escrita de uma história da literatura o primeiro passo é elencar os autores que serão citados.

Desejos conscientes e inconscientes têm seu papel na história narrativa da literatura. É óbvio demais mencionar que nossas emoções encontram satisfação ao escrever (e ler) uma história da literatura. A questão é até que ponto as emoções dão forma ao enredo de suas narrativas. Meu argumento não é de que o desejo não deva ter um papel- uma história da literatura neutra, sem vida, supondo que fosse possível, não representa meu ideal. (PERKINS, 1999, p. 4).

A escolha individual de cada autor que se propõe a escrever uma história da literatura, logicamente, perpassa o critério de escolha pessoal. Esse critério que elencou o cânone presente em cada história da literatura fica expresso, quase sempre, no prefácio, em que, através dele, saberemos qual enfoque foi dado e que critérios foram escolhidos para a escrita daquela história. Contudo, a *Apresentação* de Bandeira não há um prefácio para a obra, pois, como é possível perceber, Bandeira tenta isentar-se de suas escolhas, deixando o mais objetivo possível.

Além dos critérios pessoais de cada autor, suas marcas de subjetividade, é perceptível como as histórias, e nesse caso as que analisaremos, dialogam entre si pela escolha de seus autores. É óbvio que o cânone consagrado da literatura brasileira não poderia ter sido deixado de lado em detrimento do cânone pessoal e que, portanto, a presença de autores como Gonçalves Dias (1823-1864) e Álvares de Azevedo (1831-1852), ambos os *heróis* cristalizados na lista do cânone da literatura brasileira, são destaques nas páginas das histórias da poesia.

Ao afirmar que as histórias da literatura são narrativas, a aproximação do papel do historiador ao papel do romancista dialoga e se complementa. Contudo, Perkins (1999) explica que a principal diferença entre os autores está no objeto que descrevem e os objetivos a que se propõem. Enquanto nos romances históricos o enredo é o mais importante, em uma história da literatura o compromisso com uma verdade exerce uma maior responsabilidade nas afirmações:

A narrativa histórica difere fundamentalmente da ficção porque ao se construir um romance o enredo prevalece sobre a história. O romancista imaginará eventos no nível da história se forem exigidos pelo enredo. Ao escrever uma história narrativa da literatura não se pode fazer isso. (PERKINS, 1999, p. 8).

Outra questão a ser pensada nas escolhas de cada autor ao escrever suas histórias da literatura está no fato de trabalharmos com conceitos, ainda, abertos que não representam uma verdade absoluta e inquestionável como os conceitos de literatura, história e história da literatura. A escolha por um sistema literário como faz Antonio Candido em *Formação da literatura brasileira* (2006) e que explica suas escolhas para o começo da literatura brasileira perpassa mais uma escolha que o autor de uma história da literatura elencará.

Escolher os dois pontos que conduzirão, cronologicamente, os leitores das histórias da literatura: o começo e o fim. Escolher por que período da literatura brasileira e que autores serão citados nas primeiras páginas da história da literatura obrigam os autores a definirem um conceito de literatura e sistema literário que será abordado. Além disso, o desfecho dessa história

da literatura também conduzirá as escolhas e maior ou menor numeração de nomes de autores e as descrições da importância de suas presenças.

As intenções, objetivos e legitimações das histórias literárias, a seleção e apresentação dos chamados dados e a escolha de critérios de relevância e objetividade estão diretamente dependentes da implementação ou interpretação desses conceitos básicos. (SCHMIDT, 1996, p. 103).

Os conceitos que serão escolhidos pelos autores e que conduzirão as próximas escolhas, também sofrem influência da formação do autor e do objetivo da história da literatura que se propõe. Analisaremos a *Apresentação* escrita por Bandeira que foi uma encomenda de uma editora mexicana que, segundo Marozo (2011): “Os editores mexicanos desejavam um ensaio introdutório e uma antologia com o ‘melhor’ da poesia brasileira, dos tempos da Colônia ao Modernismo.” (MAROZO, 2011, p. 10). Bandeira é escolhido por ser um poeta do modernismo e contribuir para o resgate de vários poetas brasileiros prefaciando suas obras e outras antologias.

Dessa forma, é necessário que os autores de histórias da literatura escolham concepções e autores que serão retratados em suas histórias, contudo, não podemos esquecer que: “Toda história literária prossegue de maneira seletiva” (SCHMIDT, 1996, p. 106) e essa seleção obedecerá vários critérios sendo o principal o social negado e mascarado pela estética. Outro ponto que não podemos deixar passar em branco é que: “Existem histórias literárias, mas não a história literária” (SCHMIDT, 1996, p. 119) e que, portanto, sempre haverá discordâncias entre autores e leitores de histórias da literatura, abrindo precedentes para que as páginas estejam em constante mudança.

### **Formando o cânone dialogando com o “encastelado”**

Ao escrever uma história da literatura é necessário que o autor dessa história faça escolhas, pois não há como citar todos os escritores de uma determinada época, pois a lista seria imensa e sem aprofundamento, voltando aos moldes dos dicionários de autores e obras. Dessa forma, eleger alguns autores que constituirão a história da literatura é um exercício difícil, mas necessário. Podemos notar que os autores seguem um cânone já estipulado, citando autores conhecidos e que compõem outras histórias da literatura com algumas adições de autores ou maior espaço dedicado ou, até mesmo, supressão de autores já consagrados.

O cânone, palavra religiosa em suas origens, tornou-se uma escolha entre textos que lutam uns com os outros pela sobrevivência, quer se interprete a escolha como sendo feita por grupos sociais dominantes, instituições de educação, tradições de crítica, ou, como eu faço, por autores que vieram depois e se sentem escolhidos por determinadas figuras ancestrais. (BLOOM, 1995, p. 27-28).

Eleger um cânone é, também, excluir outros. Essa compreensão permeará o presente trabalho, pois, dependendo dos critérios de quem elegerá esse cânone, por hora, hegemônico há vários não-hegemônicos que serão silenciados em detrimento dessa escolha. Escrever uma história da poesia que perpassa o movimento romântico, por exemplo, e não citar Gonçalves Dias (1823-1864) ou Álvares de Azevedo (1831-1852) é elenkar outro cânone, questionando a importância desses autores e menosprezando o cânone cristalizado da literatura romântica brasileira.

Contudo, a única maneira de compreender esses silenciamentos e apagamentos é compreender seus critérios. O critério amplamente utilizado, desde Bloom (1995) e sua defesa pela criação de cânones, é o critério estético. Ou seja, elenca-se obras que merecem ser lidas pela sua composição estética que alcança, em certo grau, a perfeição. Essa lista é composta de obras que vão, aos poucos, sobrepondo-se sobre as outras, criando uma pirâmide de obras e autores que “superam” a genialidade dos autores anteriores e de seus pares. Pensando na literatura brasileira, temos o autor negro Machado de Assis (1839-1908) sobrepondo sua genialidade sobre todos os outros que vieram antes dele, o que lhe garante permanência ou, nas palavras da Academia Brasileira de Letras, torna-o imortal.

As histórias alternativas que hoje se escrevem, além de esgarçarem seu caráter alternativo na tendência que manifestam de canonizarem-se a si mesmas enquanto discurso e a seus objetos enquanto História, são inevitavelmente solidárias: somam-se às histórias tradicionais, reajustam detalhes, iluminam recantos, abrem brechas, alteram significados. De qualquer forma proscrevem, por ingênua e enganosa, a reconfortante hipótese de que agora, sim, te(re)mos uma história de verdade !! Não: não temos e nunca teremos. (LAJOLO, 1993, p. 108).

Escrever uma história que contemple o cânone já estabelecido e incluir os autores que foram deixados de lado é, como afirma Lajolo (1993), uma tarefa impossível. Portanto, não há a possibilidade de escrevermos uma história da literatura “objetiva” ou sem traços de subjetividade, assim como é impossível que a escolha feita agrade a todos os leitores. Escrever uma história com um recorte tão preciso de todos os autores é cair na maçante descrição de autor e obra, ou mesmo, expandir a história a inúmeros volumes. Contudo, deixar de lado autores tão importantes para a literatura e representativos na sociedade brasileira de suas épocas por serem negros só reflete o quanto o racismo, ainda, impera na nossa sociedade.

## **Os poetas negros na *Apresentação de Bandeira***

Manuel Bandeira (1886-1968) reconhecido poeta modernista apoiou vários escritores e prefaciou muitos de seus livros, logo um apoiador da literatura modernista brasileira. Dessa forma, a editora mexicana *Fondo de*

*Cultura Económica* encomenda uma apresentação da poesia brasileira com os nomes consagrados dessa literatura em 1940. Bandeira então escreve uma espécie de bosquejo da poesia, que vai sendo reeditada e aumentada até 1965, última edição ainda em vida de Bandeira, que, além da apresentação da poesia, apresenta uma antologia de poemas que ora dialoga ora converge com os nomes da *Apresentação*.

A primeira etapa para a escrita de uma história da poesia é elencar o recorte temporal, na *Apresentação*, Bandeira elenca como primeiras obras as produções dos jesuítas, intitulado o primeiro capítulo como *Árcades e gongorizantes*, fazendo referência à poesia de Luís de Gongora y Argote (1561-1627) a influência desses primeiros suspiros da poesia em solo brasileiro. Portanto, de acordo com Bandeira (1965, p. 19), “A Poesia no Brasil começa com as produções dos catequistas da Companhia de Jesus, autos e poemas avulsos, todos de intenção edificante.”

Escolhendo o início de sua *Apresentação*, Bandeira irá traçar uma linha cronológica, sem dividir em subcapítulos sua história, que culminará no modernismo, em que falará de seus pares e não se colocará como poeta modernista. Ao descrever os períodos e seus respectivos autores, Bandeira fará ácidas críticas aos momentos, como, por exemplo, o romantismo, que mesmo objetivando o nacional não consegue, nas palavras de Bandeira, demonstrar essa brasilidade.

A Poesia do Brasil não é uma indígena civilizada, é uma Grega vestida à francesa e à portuguesa [sic], e climatizada no Brasil é uma virgem do Hélicon que sentada à sombra das palmeiras da América toma por um rouxinol o sabiá que gorjeia entre os galhos da laranjeira. (BANDEIRA, 1965, p. 44).

O poeta Luís Gama que escreve nesse período não é citado por Bandeira, que vai apresentando o romantismo, enfatizando seu caráter nacionalista, tecendo as críticas e enfatizando os poetas da primeira geração. O argumento utilizado pela ausência de Luís Gama é que sua obra literária versa pelos versos burlescos que são, esteticamente, menores. Esses versos satirizam a realidade social e tecem ácidas críticas políticas. Contudo, se Gregório de Matos Guerra (1636-1696), o “boca do Inferno”, permeia todas as histórias da literatura com o mesmo estilo adotado por Luis Gama, o critério estético não justifica essa ausência.

O único poeta negro que aparecerá na *Apresentação* é João da Cruz e Sousa, que Bandeira descreverá como a figura central do simbolismo, atribuindo uma grande importância ao poeta, bem como originalidade. Demarca, também, que os pais do poeta eram escravos e que Cruz e Sousa fora educado pelos *Senhores* (de engenho): “Mortos os seus protetores, teve de lutar pela vida militando na imprensa, organizando em sua província natal a campanha abolicionista, correndo o país de Sul a Norte como secretário ou ponto de uma companhia dramática.” (BANDEIRA, 1965, p. 111).

Ao enfatizar questões biográficas, Bandeira apresenta o poeta simbolista como alguém ligado aos ex-Senhores, não apenas como influenciadores de sua educação e conseqüente poesia, mas como dependente deles. Outro ponto enfatizado é a incessante tentativa de embranquecer-se para ser aceito na sociedade e como poeta. Bandeira cita a pesquisa de Roger Bastide que enumera 169 evocações da cor branca em inúmeros matizes.

Dos sofrimentos físicos e morais de sua vida, do seu penoso esforço [sic] de ascensão na escala social, do seu sonho místico de uma arte que seria uma “eucarística espiritualização”, do fundo indômito de seu ser de “emparedado” dentro da raça desprezada tirou Cruz e Sousa os acentos patéticos que, a despeito das suas deficiências de artista, garantem a perpetuidade de sua obra na literatura brasileira. (BANDEIRA, 1965, p. 111).

Mesmo sendo um dos grandes representantes do simbolismo no Brasil, o estilo poético de Cruz e Sousa, de acordo com Bandeira, é deficitário, contudo sua temática, que apresenta uma forte proposta de embranquecimento da raça negra, é o seu ponto mais importante. Bandeira também cita que a esposa de Cruz e Sousa enlouquece, como se esse dado de sua biografia fosse legitimar a deficiência poética do poeta.

Ao final, Bandeira traz em sua antologia os poemas *Monja negra*, *Ódio sagrado*, *Triunfo supremo*, *Supremo verbo* e *Caminho da glória*. Os cinco poemas escolhidos por Bandeira não trazem a principal característica de Cruz e Sousa elencada na *Apresentação*, a excessiva descrição dos inúmeros tons de branco, mesmo que *Monja negra* represente a mulher negra como os românticos faziam: de forma idealizada.

## Os poetas negros nos *Estudos de poesia brasileira* de Ramos

*Do barroco ao modernismo: estudos de poesia brasileira* é a obra do poeta, tradutor, ensaísta, crítico literário e professor Péricles Eugênio da Silva Ramos. Diferente de Bandeira, Ramos divide e subdivide seus estudos em capítulos. O recorte temporal do professor fica expressa já no título da obra em que Ramos (1979) elencará como o início da poesia brasileira o barroco; contudo, explica que: “Se nos ativermos à conceituação de um Helmut Harzfeld [...] a poesia brasileira terá nascido não sob um sol barroco, mas sob um sol já barroquista” (RAMOS, 1979, p. 1) e encerrando no modernismo convergindo com o recorte temporal de Bandeira (1965).

Buscando possíveis referências ao primeiro poeta negro que escreve no período romântico, Luís Gama, encontramos em Ramos no capítulo intitulado *Banzo, palmares, abolicionismo*, contudo o “herói” desse capítulo é Castro Alves (1847-1871). Mesmo citando Luis Gama, a obra poética do abolicionista negro aparecerá nessa história da poesia atrelada à poesia de José Bonifácio, chamado de Moço, intitulada *Saudades do Escravo*, que Luís



Gama publicará nas *Primeiras Trovas Burlescas de Getulino*. Ressaltamos que o Moço, filho de José Bonifácio, nasceu na França e lutou ao lado de Luís Gama pela abolição da escravatura, contudo é branco e de família ilustre e logo, aparece com mais importância do que o poeta negro.

Em nenhum momento, Luís Gama será retratado nos *estudos de poesia brasileira*, não sabemos nem ao menos as datas de nascimento e morte do poeta negro que retrata sua cor na poesia burlasca *Bodarrada*. A menção de Ramos à obra de Getulino, apelido dado pelos seus pares, revela o apagamento de Luís Gama em detrimento à poesia de Castro Alves que ao invés de dar voz aos negros, fala do local do branco cristão. Lutando a mesma luta, o autor negro, filho da revolucionária Luisa Mahin, autodidata, advogado entra nas páginas da historiografia literária brasileira dissolvido e em segundo plano. Esse silenciamento não pode ser explicado pela falta de conhecimento da vida e obra do autor, pois Ramos cita sua obra publicada. Mesmo assim, há menção ao poeta mesmo desprestigiada.

Ao falar do poeta negro presente no cânone oficial, Cruz e Sousa, Ramos o faz de maneira depreciativa, de forma contrária a Bandeira (1965). O professor afirma que o poeta leu vários outros europeus e logo apenas “reproduz” a aura desses poetas não produzindo nada novo. Ramos deslegitima a poesia do Dante Negro, relatando que não há influência, mas sim cópia.

Acrescente-se que Cruz e Sousa lera e apreciara Teófilo Dias e que o Cisne Negro aliterava muito, por influência de Stuart Merrill via Eugênio de Castro; mas a aliteração já era um hábito de Teófilo Dias, cuja dicção aponta decididamente para a de Cruz e Sousa e a do simbolismo brasileiro em geral, ao conjugar a aliteração com a fluidez do ritmo e mais a sinestesia ou reciprocidade de sensações. (RAMOS, 1979, p. 172).

Ao comparar os dois poetas, Ramos elenca Teófilo Dias como o precursor da característica simbolista mais marcante em Cruz e Sousa: a aliteração e adiciona que o Cisne Negro lê os poetas a quem terá influência e, logo, não será inédito em suas poesias, através de traduções, um ponto que desqualifica, ainda mais, a obra de Cruz e Sousa. Mais a frente em sua história da poesia citará o uso do mito de Willis advindos da obra de Heine como “noivas mortas que dançam e fazem os moços incautos dançarem até morrer” (RAMOS, 1976, p. 195) que Cruz e Sousa e outros poetas irão referenciar-se em alguns de seus poemas.

Ao falar do simbolismo, período em que Cruz e Sousa divide importância com, o que alguns historiadores literários do sudeste chamarão de trindade simbolista: Cruz e Souza; Alphonsus de Guimaraens (1870-1921) e Augusto dos Anjos (1884-1914). “Mas convém salientar que Cruz e Sousa não deve apenas a modelos franceses e lusitanos. Revela influência da linha que vem de Carvalho Júnior e Venceslau de Queiroz, em sua diretriz sadística-bestial remotamente originada das mordidas baudelairianas. (RAMOS, 1976, p. 219)”.

Ramos (1976) fala dos epítetos de Cruz e Sousa conhecido como, além de Cisne Negro, Dante Negro e Incomparável Eleito, contudo contesta, como é possível perceber, o prestígio que autores antes dele concedem à Cruz e Sousa. O único poeta negro consagrado pelo cânone cristalizado é, na análise de Ramos, um simples copista que criado pelos seus “Senhores” lera grandes poetas e os copia. Enquanto que Augusto dos Anjos, poeta que publicara apenas um livro, *Eu* (1912), recebe destaque nessa história. Ou seja, Cruz e Souza é importante para legitimar a *Santíssima Trindade Simbolista* abrindo espaço para Alphonsus de Guimaraens e Augusto dos Anjos, mas sua obra por si só não merece todo o prestígio dado por historiadores.

Os poetas Lino Pinto Guedes e Solano Trindade não receberam nem uma fina linha sobre suas obras poéticas. Portanto, não foram eleitos para o cânone de Ramos (1976) e, como poderemos perceber, não são parte do cânone oficial. Parece que poetas que produzem poesias políticas não merecem prestígio na intrincada lista de Ramos. A ausência de Solano Trindade pode ser justificada pelo recorte de Ramos e, talvez, o desconhecimento por parte do historiador, da obra do poeta negro. Contudo, ao não analisar a obra de Luis Gama e menosprezar a obra de Cruz e Souza a ausência de mais poetas negros é justificada.

## Os poetas negros em *Uma história de Bueno*

A *História* de Alexei Bueno (1963- ) é a mais recente das três analisadas e a única que traz um prefácio da obra elencando os critérios que utilizará para constituir o cânone que dialoga, em muito, com as histórias da poesia anteriores. Os critérios não são elencados claramente, Bueno define que fará um recorte temporal parecido com os recortes das outras histórias e que falará de poesia. Após, discorre sobre conceitos. O primeiro conceito é o de poesia, apresentando duas definições, ambas relacionados ao estranhamento da linguagem:

Poesia como indecisão e como arte de dizer o indizível: “O que buscamos neste livro é justamente traçar uma linha histórica da poesia brasileira com o mínimo de idiossincrasias, e com uma visão aguda de cada autor dentro de sua própria visão do mundo, sua época e estilo. (BUENO, 2007, p. 11).

A proposta de Bueno para *Uma história da poesia brasileira* não é original, afinal, como vimos, outros autores fizeram esse trajeto descrevendo a vida, a obra e a importância de cada autor citado e relacionando-o com seus pares. Contudo, a possível inovação de Bueno é, ao mesmo tempo, seu maior desafio: descrever seus pares sem um mínimo de distanciamento temporal.

Conforme outras histórias da poesia, Bueno seguirá a linha cronológica dos períodos literários, começando pelo capítulo intitulado *Na terra Santa Cruz pouco sabida*, discorrendo acerca do descobrimento, percorrendo os períodos literários até o capítulo *No agora e aqui pouco sabido* em que falará de seus pares.

Para quem afirma que fará uma história da poesia “com o mínimo de idiossincrasias” (BUENO, 2007, p. 11) ao falar do poeta Luís Gama, Bueno utiliza-se do atual arquétipo do poeta ao ser resgatado pelos estudos culturais.

O lendário abolicionista baiano Luís Gama (1830-1882), uma das figuras humanas mais fascinantes do Brasil do século XIX, de quem o grande jacobino Raul Pompeia foi secretário particular, publicou as *Primeiras trovas burlescas e Getulino*, onde se encontra a magnífica sátira “A Borralhada”, também intitulada “Quem sou eu?”, Poema sem paralelo no Romantismo brasileiro pelo humor implacável com que contrasta a mestiçagem geral e irrestrita da população brasileira, e que nos faz lembrar as referências de um Gregório de Matos, dois séculos antes e muito cioso da sua pureza de sangue, à proveniência dos fidalgos de nossa terra. (BUENO, 2007, p. 82, grifos do autor).

O poeta abolicionista será citado mais uma vez quando Bueno falar de Raul Pompeia, em que Luís Gama escreveu um soneto dedicado a ele que fora seu secretário. Contudo, podemos notar que a figura de Luís Gama aparece não como coadjuvante, mesmo que sem paralelos, da poesia brasileira, mas presente com sua poesia satírica e política. O único historiador a legitimar o status de poeta a Luis Gama é Bueno, bem como é nessa história que Luis Gama recebe maior espaço de citação e reflexão de sua obra poética.

Cruz e Souza, o Cisne Negro, não poderia deixar de ser citado, Bueno realça alguns aspectos pessoais do poeta como seu medo do esquecimento e, possível, apagamento, bem como o fato de ter morrido de fome junto à esposa e seus quatro filhos.

O fundador e incontestado nome maior da escola no Brasil, João da Cruz e Sousa, nasceu em Desterro, capital da província de Santa Catarina, a atual Florianópolis, em 24 de novembro de 1861 [...] recebeu o nome do grande místico espanhol, e o sobrenome Sousa do senhor de seu pai, o escravo Guilherme, mestre pedreiro. [...] Sua mãe se chamava Carolina Eva da Conceição, escrava lavadeira, alforriado quando de seu casamento. (BUENO, 2007, p. 213).

Bueno vai ressaltar que os poemas do Dante Negro escritos em sua infância não possuem nenhum valor estético e sua métrica possui grotescos erros, algo que não se pensaria acerca da poesia de Cruz e Sousa que, segundo Bueno (2007, p. 214), é “um dos poetas formalmente mais perfeitos da poesia brasileira”. A influência de Baudelaire e Mallarmé será citada sem grandes contornos, tendo-as apenas como influência. Bueno, ainda, mencionará Cruz e Sousa como influência da poesia de Antônio Carlos Secchin (1952- ) que dedica um soneto ao poeta.

Solano Trindade (1908-1974) aparecerá em um pequeno parágrafo na história de Bueno, contudo, mesmo pequeno a menção de seu nome e de sua poesia já é um passo para as próximas histórias que, quase sempre,

consultam as anteriores. “Poeta também de temática social e militante foi o ator Solano Trindade (1908-1974), com uma poesia muito simples e de fácil assimilação, de quem um poema “Tem gente com fome”, onomatopéia do som dos trens proletários da Leopoldina, teve grande repercussão. (BUENO, 2007, p. 367).

Podemos perceber que, talvez, um dos critérios que faz com que a poesia de Solano Trindade não apareça é o fato de ela ser de fácil assimilação e, portanto, não possuir literariedade, argumento questionável pela forte presença de metáforas. Lino Guedes, como nas outras histórias da poesia, não será mencionado nem em uma fina linha.

### **A ausência de poetas negros na literatura brasileira**

Ao buscar em três histórias da poesia brasileira: *Apresentação da poesia brasileira* (1965) de Manuel Bandeira, *Do barroco ao modernismo* (1979) de Péricles Eugênio da Silva Ramos e *Uma história da poesia brasileira* (2007) de Alexei Bueno, a presença ou não de quatro poetas negros: Luís Gama (1830-1882), Cruz e Sousa (1861-1898), Lino Guedes (1897-1951) e Solano Trindade (1908-1974), podemos perceber que a presença deles é muito pouca beirando a insignificância.

Bandeira (1965) propõe-se a escrever uma breve apresentação elencando poetas já consagrados e cristalizados no cânone, sem a preocupação de um estudo massivo ou mesmo complexo da poesia. Ao citar o único poeta dos que elencamos para nossa busca, Cruz e Sousa, o faz de maneira semelhante à outras histórias da literatura: como poeta negro obcecado pelos muitos tons da cor branca, emparedado em sua negritude. Contudo, descreve o Cisne Negro com um poeta de alto valor estético simbolista.

Ramos (1979), seguindo o exemplo de Bandeira, traçará uma linha cronológica regida pelos períodos literários culminando no modernismo. Citará Luís Gama, apenas, por publicar um poema, ao estilo de Castro Alves, de José Bonifácio, o moço. Ao encontro que o poeta negro não terá nem obra, nem biografia citada, aparecendo como coadjuvante na poesia brasileira. Ao falar de Cruz e Sousa, Ramos debaterá sobre a originalidade de sua poesia, afirmando e argumentando que o Dante Negro não terá influência da poesia europeia, mas que sim copiará os exemplos dessa poesia, logo não é inédito nos temas que aborda.

Bueno (2007) fará um trajeto mais longo do que os outros autores, começando pelo descobrimento e toda influência da literatura portuguesa, logo a poesia portuguesa como base da poesia brasileira. O trajeto percorrido por Bueno terminará em seus pares, poesia contemporânea, mesmo com a ressalva de que se faz necessário um distanciamento temporal para a análise. Citará a obra de Luís Gama, ressaltando que não há paralelo para sua poesia, mas que tem seu valor político e não o colocando como coadjuvante

de outros. É a única história da poesia, das três analisadas, que falará da poesia de Solano Trindade, caracterizando-a por ser deveras muito simples.

O poeta Lino Guedes não aparecerá em nenhuma história da poesia, será citado apenas por Bernd (1996) na antologia de poetas negros como poeta pós-abolicionista. Sua poesia tematizará os negros apresentando fortes traços de identidade e de negritude. Ressaltamos que Lino Guedes utilizava o pseudônimo de Lally e que, talvez, essa seja uma das possíveis razões de seu apagamento.

Podemos perceber que a presença de poetas negros que tematizavam sobre sua cor, seja satirizando ou a negando, dentro da história da poesia brasileira, ainda, é muito pequena. Essa pouca presença nas histórias da poesia reflete-se, também, nas histórias da literatura que abrem o leque para citar prosas. Ao elencarmos um pequeno cânone de poetas negros conhecidos e, mesmo assim, não encontrá-los nas histórias da poesia denota o caráter de subalternidade desses poetas. Se buscando homens negros a lista encontrada é restrita, as mulheres, então, são, ainda, mais raras e não são nem mesmo citadas em histórias que resgatam escritoras, abrindo um parêntese para *Escritoras brasileiras do século XIX: antologia* (1999) organizado por Zahidé Lupinacci Muzart (1939-2015) em que várias escritoras mulheres, entre elas negras, são recuperadas do esquecimento.

A presença de negros na poesia brasileira é pouca e quase nula, apagando e silenciando uma gama de nomes e quando os descreve é no sentido de desprestigiar e legitimar o silenciamento e apagamento desses poetas. Essa ausência nas histórias da literatura desdobra-se na educação básica que centraliza a poesia abolicionista em Castro Alves (1847-1871), deixando de lado os quatro poetas aqui mencionados e outros.

## **A necessidade de enegrecer as páginas da literatura brasileira**

Pesquisando uma lista muito pequena de autores, quatro, não conseguimos encontrar referências acerca deles nas páginas das histórias da poesia, que não na antologia produzida por Bernd (1992) que faz um resgate desses e outros autores. É válido lembrar que o Movimento Negro Unificado (MNU) militou em busca do resgate e manutenção desses autores basilares para a literatura negra, contudo a necessidade de enegrecer as páginas da literatura e, sobretudo, da história da literatura brasileira é pungente.

Ao lado desses autores esquecidos, mas resgatados, temos outros nomes de importância ímpar para a história da literatura que são as mulheres negras, duplamente menosprezadas por serem mulheres e por serem negras. E para quem acha que essa lista de mulheres escritoras é irrisória se engana, pois essa lista é acrescida a cada dia por novas obras dos mais variados gêneros: poesia, conto, romance, testemunhos, etc.

Além disso, no ano do centenário de morte da primeira mulher negra a escrever e publicar o primeiro romance abolicionista da literatura brasileira, Maria Firmina dos Reis (1825-1917), o silêncio ressoa nas publicações acadêmicas e eventos que esquecem essa autora e seu romance *Úrsula* (1859) que antecede em dez anos *Navio negreiro* (1869) de Castro Alves. Retomamos as palavras da personagem Mãe Susana de que nunca haverá a liberdade em um país racista. Libertos para a morte em 1888, os descendentes de africanos escravizados não tiveram a oportunidade de viver, sendo delegados a esses sujeitos os subempregos já desenvolvidos, renovando um ciclo que subalternização e privilégios dos (novos) Senhores e Senhoras.

Há outros nomes de autores e autoras negras que não podem ser esquecidos, cujas obras atendem aos critérios políticos e estéticos que os excluem. Entre eles, vale citar, os autores que publicam/publicaram nos *Cadernos Negros* que desde 1978 reúne poemas e contos desses (as) autores (as) e que tem revelado nomes importantes para a história da literatura negra e afrofeminina como Conceição Evaristo (1946- ), Geni Guimarães (1947- ), Esmeralda Ribeiro (1958- ), Cristiane Sobral (1974- ), Mel Duarte (1988- ) e outros nomes.

A lista de autores negros e negras seria imensa, muitos deles elencados nos quatro volumes de *Literatura e afrodescendência* (2011) organizado por Eduardo de Assis Duarte. Contudo alguns nomes não foram citados nessa “antologia crítica” como, por exemplo, o da autora negra Zeli Barbosa de Oliveira que publica em 1993 seus testemunhos em *Ilhota* pelo intermédio do projeto *Outras vozes*, produzido pela Secretaria de Cultura de Porto Alegre- RS. Além de outras autoras negras gaúchas, cuja carência de estudos justifica sua ausência na antologia mencionada.

Precisamos enegrecer a academia e as páginas das histórias da literatura para que o silêncio mantido durante anos seja rompido. Por fim, fazemos nossas a frase da *slammer* Mel Duarte na poesia *Sobre empoderar*: “Eu quero invadir escolas com histórias negras” (2016, p. 25) e através da literatura questionar o falso mito da democracia racial. O silêncio persiste, mas as vozes ecoam e precisam de ouvidos atentos.

## Referências

BANDEIRA, Manuel. **Apresentação da poesia brasileira**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1965.

BERN, Zilá. **Poesia negra brasileira: antologia**. Porto Alegre: AGE/IEL/IGEL/, 1992.

BLOOM, Harold. Uma elegia para o cânone. *In*: \_\_\_\_\_. (org.). **O cânone ocidental**. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995. p. 23-47.

BUENO, Alexei. **Uma história da poesia brasileira**. Rio de Janeiro: George Ermakoff, 2007.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos [1750-1880]**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

DUARTE, Eduardo de Assis (org). **Literatura e afrodescendência no Brasil: Antologia crítica**. Belo Horizonte: EDUFMG, 2011. 4v.

DUARTE, Mel. **Negra nua crua**. São Paulo: Ijumaa, 2016.

GARRET, João Batista de Almeida. Bosquejo da história da poesia e língua portuguesa. In: ZILBERMAN, Regina; MOREIRA, Maria Eunice. **O berço do cânone**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998. p. 17-73.

LAJOLO, Marisa. Literatura e História da Literatura: senhoras muito intrigantes. In: MALLARD, Letícia et. Al. **História da literatura: ensaios**. Campinas: UNICAMP, 1995. p.19-36.

MAROZO, Luís Fernando da Rosa. **Manuel Bandeira: memória e história da poesia**. 2011. 223 f. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

MOREIRA, Maria Eunice. Cânone e cânones: um plural singular. **Língua e Literatura: Limites e Fronteiras**, n. 26. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11883>> Acesso em: 14 out. 2016.

PERKINS, David. História de literatura e narração. **Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS**, Porto Alegre, v.3, n.1, mar. 1999. (Série traduções).

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. **Do barroco ao modernismo: Estudos da poesia brasileira**. 2 ed. rev. aum. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 1979.

SCHMIDT, Siegfried J. Sobre a escrita de histórias da literatura: observações de um ponto de vista construtivista. In: OLINTO, Heidrun Krieger (Org.) **Histórias de literatura: as novas teorias alemãs**. São Paulo: Ática. 1996. p. 101-132.

SILVA, Joaquim Norberto de Sousa. Bosquejo da história da poesia brasileira. In: ZILBERMAN, Regina; MOREIRA, Maria Eunice (Orgs). **O berço do cânone**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998. p. 89-142.

*Recebido em abril/2018.*

*Aceito em dezembro/2018.*